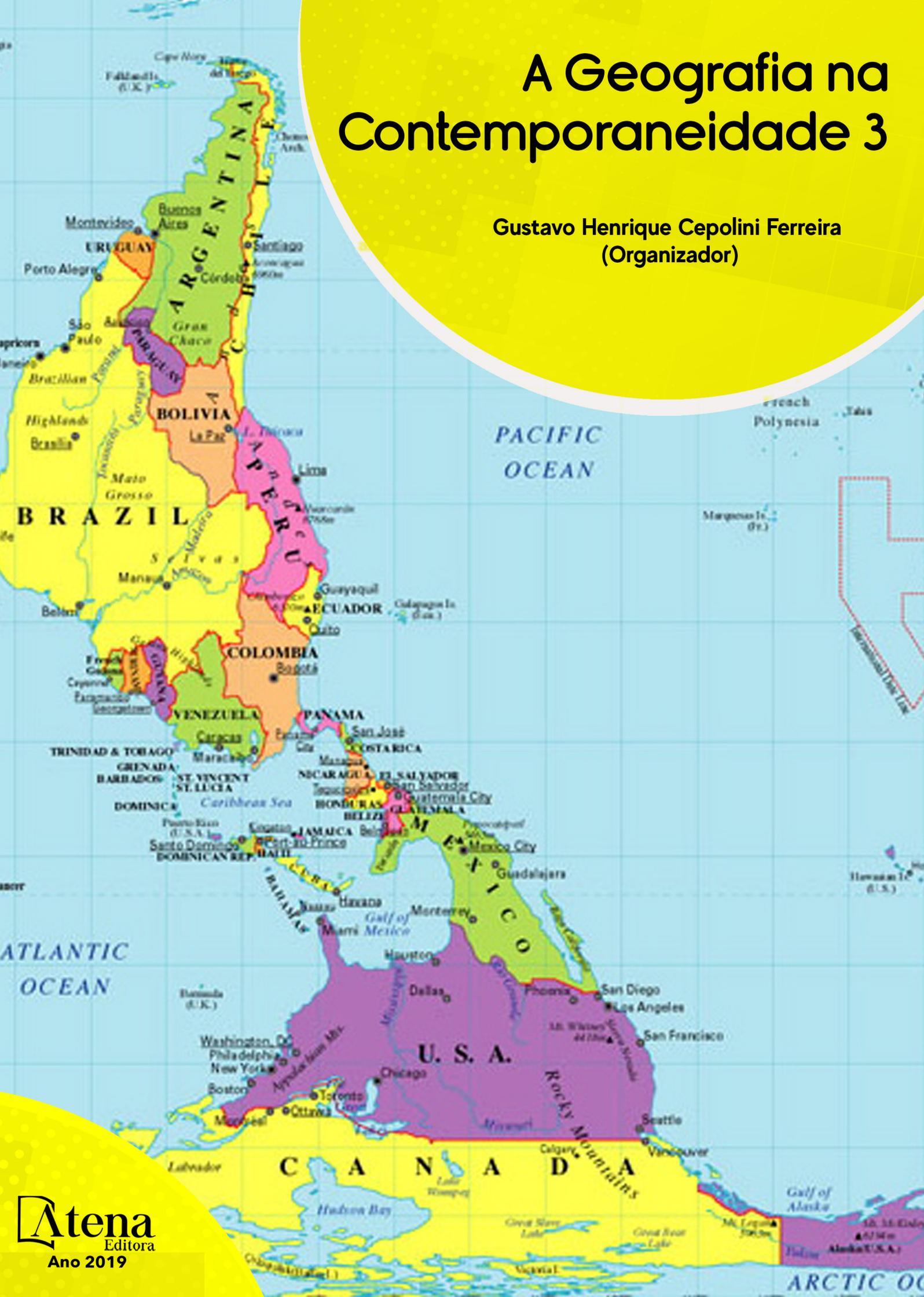


A Geografia na Contemporaneidade 3

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

A Geografia na Contemporaneidade 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| G345 | A geografia na contemporaneidade 3 [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Geografia na Contemporaneidade; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-439-9 DOI 10.22533/at.ed.399190307 1. Geografia – Educação. 2. Geografia humana. I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini. II. Série. CDD 910 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a A Geografia na Contemporaneidade (Volume 3), cuja diversidade regional, teórica e metodológica está assegurada nos capítulos que a compõem. Trata-se de uma representação da ordem de quinze capítulos de todas as regiões brasileiras, com a contribuição de professores e pesquisadores oriundos de diferentes instituições da Educação Básica e Superior, bem como de centros de estudos e pesquisas.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento na área de Geografia em consonância com a formação inicial e continuada de professores da Educação Básica.

A Coletânea está organizada a partir dos seguintes enfoques temáticos: o primeiro versa sobre os dilemas, conflitos, convergências e possibilidades para compreender o campo brasileiro e suas conceituações e contradições vigentes, as quais estão materializadas nos sete primeiros capítulos da Coletânea. O segundo retrata alguns panoramas sobre o Ensino de Geografia, a formação de professores e uma breve leitura sobre às bases do pensamento geográfico brasileiro.

Na sequência as contribuições tratam dos estudos das redes, políticas públicas relacionadas às obras viárias, geoturismo, patrimônio geológico-geomorfológico e os estudos climatológicos aplicados ao conhecimento geográfico e socioambiental.

Esperamos que as análises publicadas nessa Coletânea da Atena Editora propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates geográficos para desvendar os caminhos e descaminhos da realidade brasileira, latino-americano e mundial.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| GEOGRAFIA AGRÁRIA E QUESTÃO AGRÁRIA NO CINEMA: ALGUMAS INDICAÇÕES PARA AS AULAS DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA | |
| Gustavo Henrique Cepolini Ferreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.3991903071 | |
| CAPÍTULO 2 | 16 |
| QUEM TE DARÁ A TERRA SE NÃO FOREM TUAS MÃOS: PROJETO DE ASSENTAMENTO CHICO MENDES I (PRESIDENTE MÉDICI-RONDÔNIA) | |
| Tânia Olinda Lima | |
| Denes Luís Reis Pedrosa | |
| Rogério Nogueira de Mesquita | |
| Claudia Cleomar Ximenes | |
| Danúbia Zanotelli Soares | |
| DOI 10.22533/at.ed.3991903072 | |
| CAPÍTULO 3 | 33 |
| VENDA DO ZÉ MAJOR: ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E PERMANÊNCIA CAMPONESA DA PEDRA LISA | |
| Geslayne Dias da Silva | |
| Raoni Ribeiro Guedes Fonseca Costa | |
| Edevaldo Aparecido Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.3991903073 | |
| CAPÍTULO 4 | 45 |
| MANEJO FLORESTAL COMUNITÁRIO COMO ALTERNATIVA DE SUSTENTABILIDADE: O CASO DO ASSENTAMENTO MARGARIDA ALVES EM NOVA UNIÃO, RONDÔNIA | |
| Lucas Ramos de Matos | |
| DOI 10.22533/at.ed.3991903074 | |
| CAPÍTULO 5 | 58 |
| AS ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS E OS REFLEXOS AMBIENTAIS NA PAISAGEM RURAL PARANAENSE | |
| Sergio Fajardo | |
| DOI 10.22533/at.ed.3991903075 | |
| CAPÍTULO 6 | 66 |
| ABORDAGEM TERRITORIAL, GÊNERO E GEOGRAFIA | |
| Daiane Carla Bordulis | |
| Márcio Freitas Eduardo | |
| DOI 10.22533/at.ed.3991903076 | |
| CAPÍTULO 7 | 79 |
| EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO: A CONTRADIÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA, NA ESCOLA ESTADUAL DOM BOSCO – DOURADOS (MS) | |
| Crislaine Souza Almeida | |
| Silvana de Abreu | |
| DOI 10.22533/at.ed.3991903077 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 8 | 91 |
| O TRABALHO DE CAMPO COMO RECURSO DE ENSINO EM GEOGRAFIA | |
| Márcio Estrela de Amorim | |
| DOI 10.22533/at.ed.3991903078 | |
| CAPÍTULO 9 | 106 |
| ITINERÁRIOS DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA: POSSIBILIDADE FORMATIVA | |
| Diêgo Souza Albuquerque | |
| Luiz Eduardo do Nascimento Neto | |
| Mariana Priscila de Assis | |
| DOI 10.22533/at.ed.3991903079 | |
| CAPÍTULO 10 | 121 |
| INTRODUÇÃO ÀS BASES DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO | |
| Darlan Fabiane | |
| DOI 10.22533/at.ed.39919030710 | |
| CAPÍTULO 11 | 129 |
| O ESTUDO DAS REDES COMO POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO ESPACIAL | |
| Lucas Ponte Mesquita | |
| Juçara Spinelli | |
| DOI 10.22533/at.ed.39919030711 | |
| CAPÍTULO 12 | 146 |
| ESTADO, MUDANÇA SOCIAL E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO TRECHO LESTE DO RODOANEL MÁRIO COVAS NO MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO PIRES-SP | |
| Fellipe de Oliveira Barbosa | |
| DOI 10.22533/at.ed.39919030712 | |
| CAPÍTULO 13 | 154 |
| MESTRE ÁLVARO E O GEOTURISMO | |
| Gustavo Henrique Teixeira da Silva | |
| Jane Dias | |
| Luiza Leonardi Bricalli | |
| DOI 10.22533/at.ed.39919030713 | |
| CAPÍTULO 14 | 162 |
| A PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO GEOLÓGICO-GEOMORFOLÓGICO NO PROCESSO LEGISLATIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO: DÉCADAS DE 1950 A 2000 | |
| Any Marise Ortega | |
| Alex Ubiratan Goossens Peloggia | |
| DOI 10.22533/at.ed.39919030714 | |
| CAPÍTULO 15 | 177 |
| A CLIMATOLOGIA APLICADA AO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO E SOCIOAMBIENTAL | |
| Reinaldo Pacheco dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.39919030715 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 190 |

VENDA DO ZÉ MAJOR: ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E PERMANÊNCIA CAMPONESA DA PEDRA LISA

Geslayne Dias da Silva

Universidade Estadual de Goiás, Campus
Quirinópolis, Quirinópolis – Goiás

Raoni Ribeiro Guedes Fonseca Costa

Universidade Estadual de Goiás, Campus
Quirinópolis, Quirinópolis – Goiás

Edevaldo Aparecido Souza

Universidade Estadual de Goiás, Campus
Quirinópolis, Quirinópolis – Goiás

RESUMO: O presente artigo expõe um estudo sobre o desenvolvimento do agronegócio e da expansão da fronteira agrícola em Quirinópolis, GO, analisa os impactos socioculturais da introdução desse sistema em uma comunidade camponesa e na Venda do Zé Major, local da pesquisa. Os objetivos aventados no desenvolvimento dessa pesquisa foram: Avaliar o impacto do desenvolvimento tecnológico e agropecuário da comunidade Pedra Lisa; realizar pesquisa de campo, através de entrevista por meio de um questionário com 29 perguntas, aplicado aos moradores da comunidade e com o proprietário da venda, foi também utilizado material fotográfico do local e também um estudo bibliográfico. Foi evidenciado que a comunidade Pedra Lisa é um local que promove a cultura, por se tratar de um ambiente ainda com resíduos camponeses, de técnicas tradicionais, mesmo que com algumas

ressignificações para inserirem-se nas lógicas do agronegócio.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultura camponesa; Quirinópolis; Pedra Lisa.

ZE MAJOR'S SALE: A SPACE FOR RESISTANCE AND FARMER'S PERMANENCE AT PEDRA LISA COMMUNITY

ABSTRACT: The present article presents a study about the development of agribusiness and the expansion of the agricultural frontier in Quirinópolis, GO, analyzes the socio - cultural impacts of the introduction of this system in a peasant community and at the Zé Major's sale, the place where the research has happened. The objectives pursued in the development of this research were: To evaluate the impact of the technological and agricultural development of the Pedra Lisa community; conducting field research, through an interview with a questionnaire with 29 questions, applied to the residents of the community and with the sale's owner, was also used photographic material of the place and also a bibliographic study. It has been evidenced that the Pedra Lisa community is a place that promotes the culture, because it is an environment still with peasants residues, of traditional techniques, even if with some re-significances to insert themselves in the logics

of agribusiness.

KEYWORDS: Peasant agriculture; Quirinópolis; Pedra Lisa.

1 | INTRODUÇÃO

A expansão da fronteira agrícola na região Centro-Oeste, mais especificamente em Goiás foi um processo antigo que desencadeou vários impactos não só político-econômico, mas também sociocultural. De acordo com Carrijo (2008) em Goiás esse processo ocorreu em meados da década de 1970, quando o governo investiu valores significativos para uma maior valorização econômica da Região Centro Oeste, ocupação do Cerrado e tecnificação do território.

Essa expansão é resultado do pacote da Revolução Verde, em que o país, para expandir economicamente, baseou sua produção no pacote estadunidense de tecnologias, nos quais propiciou que solos considerados inférteis se tornassem os maiores produtores de alimentos do país, como é o caso de Goiás, com significativa produção de soja, cana de açúcar, grãos entre outros.

Os impactos dessa expansão de uma agricultura moderna na agricultura camponesa, com práticas tradicionais, foram vastos, culturalmente, ideologicamente e também economicamente. Pequenos produtores que não se adequaram ao modelo tiveram que desapropriar ou adotar novas práticas frente a essa tecnificação. A comunidade tradicional, em geral, é símbolo de cultura, pois engendra práticas adquiridas ao longo do tempo, transmitida de geração para geração e vivenciadas em grupo.

Os povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados, que possuem condições sociais, culturais e econômicas próprias, mantendo relações específicas com o território e com o meio ambiente no qual estão inseridos. [...] os membros de um povo ou comunidade tradicional têm modos de ser, fazer e viver distintos dos da sociedade em geral, o que faz com que esses grupos se autorreconheçam como portadores de identidades e direitos próprios (CIMOS – MPMG, 2018, p. 12).

Martins e Cleps Junior (2012, p.137), afirmam que “o território é indissociavelmente material e imaterial. Mas é na apropriação do material que o imaterial é forjado”. Também Martins e Cleps Junior (2012) percebem um território simbólico e funcional como base de representação das identidades e como concretização de um modo de vida. Para eles são “acumulações de experiências e espaços temporais construídos a partir da relação entre homens e sua reprodução junto à natureza” (MARTINS e CLEPS JUNIOR, 2012, p. 135).

Mendonça e Thomaz Júnior (2011) escrevem que a relação entre os camponeses e a territorialidade é construída na defesa dos territórios de vida, o que significa que a resignificação passa, conseqüentemente, pelas estruturas culturais das famílias, que, segundo Duarte (2008, p. 186-187) são “diferentes leituras, que partem de dinâmicas territoriais em múltiplas estâncias: econômicas, políticas e culturais”.

As dimensões sociais do território (economia, política e cultura) estão no mesmo nível. Porém, ora uma(s), ora outra(s) dimensão(sões), em cada lugar e momento e/ou período histórico, pode(m) predominar diante das demais. O que muda e/ou permanece, para cada relação espaço-tempo, é o arranjo territorial, através das formas espaciais, das relações e dos significados que esse arranjo assume (SAQUET, 2011, p. 88).

No caso de Pedra Lisa o território camponês estabelece vínculos com as práticas cotidianas: as divindades, as festas tradicionais, os costumes e especialmente a venda do Zé Major, área de estudo dessa pesquisa. A venda supracitada é uma espécie de comércio rústico responsável por suprir as necessidades básicas dos moradores da região e que, de certa maneira, constitui-se um ambiente atrativo para diversos moradores da localidade e externos, uma vez que quando acontecem festividades típicas da região, muitos se deslocam àquele ambiente para desfrutar dos momentos festivos realizados pela população, contribuindo, dessa forma, como um acréscimo ao acervo cultural de Quirinópolis. Sendo assim, fez-se necessário um estudo aprofundado para compreender as contribuições que esse comércio e a diversidade cultural acrescentaram ao desenvolvimento e permanência desse grupo.

A questão é que a introdução do agronegócio no campo modifica o modo de vida camponês e suas práticas socioeconômicas. Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa foi avaliar o impacto de desenvolvimento tecnológico e agropecuário da comunidade Pedra Lisa, que ainda mantém modos de vida camponesa, que se localiza no sul do município. O estudo foi realizado em 2017 no município de Quirinópolis, na comunidade denominada Pedra Lisa, uma das 21 regiões estabelecidas pelo município que, segundo Souza (2015), essa é uma divisão regional criada pela Prefeitura para planejar melhor as políticas públicas de infraestrutura para a população do espaço rural. O local possui características do Cerrado tendo exíguos espaços preenchidos pela vegetação da Mata Atlântica.

A pesquisa de campo foi realizada no mês de Julho, utilizando o método qualitativo como principal ferramenta metodológica. Além disso, esmerou-se da pesquisa bibliográfica, entrevista por meio de um roteiro semiestruturado constituído por 17 perguntas subjetivas, com o proprietário da Venda, e 12 perguntas para alguns moradores da comunidade, por intermédio de questionário estruturado, com questões objetivas, sendo também pesquisado o acervo fotográfico pessoal dos pesquisados. O interesse por esse trabalho partiu de uma abordagem cultural numa perspectiva de avaliar o embate do agronegócio àquele local e as transformações sofridas ao longo do tempo, assim como a importância da preservação de práticas tradicionais de uma comunidade local, em particular, a venda do Zé Major, área de estudo desta pesquisa.

2 | ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA CAMPONESA NA COMUNIDADE PEDRA LISA: A VENDA DO ZÉ MAJOR COMO ELO DE SOCIABILIDADES

As pessoas que moram na comunidade Pedra Lisa são originárias de Uberaba, Minas Gerais, quando, em 1910, vieram três famílias para essa região, e a partir dessas se formaram outras. De acordo com Souza (2015, p. 14) “algumas das pessoas são nascidas ali, por pertencer a família original [...], ou seja, desde quando o Sr. Joaquim Alves da Silva comprou a fazenda, em torno de 1910 trazendo sua família de Uberaba/MG, onde vivia. Essas construíram suas vidas sociais nesse lugar”.

A partir daí surgiu a comunidade, que inicialmente contava com elementos tradicionais camponeses, práticas culturais transmitidas para gerações posteriores, mas com o tempo foram sendo substituídas, ou se transformando. As primeiras práticas econômicas para o autoconsumo familiar eram a agricultura em consonância com a pecuária (atualmente predomina a produção leiteira nas propriedades camponesas). Posteriormente foram cedendo espaço, de forma gradativa, para atividades com gado de corte introduzida no local, sobretudo em médias propriedades e, mais recentemente, com força inigualável, instalaram-se as usinas de açúcar e álcool, com o discurso de proporcionar o “desenvolvimento”, empregando muitos moradores, inclusive da comunidade Pedra Lisa, evidenciado na fala de uma moradora local:

É tem o bom e tem o ruim, no sentido assim de emprego foi muito bom, que hoje as pessoas aqui não tá empregado quem não quer mesmo, porque oportunidade tem, agora na parte do desmatamento isso ai eu não acho que foi uma coisa muito boa porque a gente tá vendo que tá destruindo tudo, (Informação verbal, 2017).

Os povos tradicionais são grandes exemplos de cultura, pois tem tradições, comportamentos e práticas específicas de cada comunidade ou grupo social. Alguns grupos tradicionais brasileiros podem ser encaixados como sinônimos de cultura, como os indígenas (em Goiás existem três povos, os Tapuia, os Karajá e os Avá-Canoeiro), quilombolas (em Goiás os Kalunga são os maiores), os ribeirinhos, camponeses, ciganos e algumas tribos urbanas (como os emo, panks, nerds). Nessa pesquisa o grupo tradicional analisado foram os camponeses, pessoas que vivem a vida de forma simples e no espaço rural.

Nesse sentido, a “modernidade” vem materializando no campo, o que para muitos é visto como um fenômeno maléfico, pois alterou o modo de vida e a cultura camponesa, forçando algumas ressignificações interferindo também nas práticas locais, pois algumas atividades foram deixadas de lado para serem introduzidas outras. Esse processo iniciou-se a partir da Revolução Verde.

Os impactos da introdução do capitalismo no campo, de maneira geral foram vastos, além da cultura ter sido transformada, houve o processo de desterritorialização, que é a migração campo-cidade, a partir da expulsão camponesa do espaço rural, a maioria dos pequenos produtores não se adequaram às transformações modernas, ou não tinham subsídios técnicos e financeiros suficientes para permanecerem no

campo, por isso foram obrigados a mudar para cidade.

Além do fenômeno descrito, aconteceu também o endividamento de muitos proprietários que não tinham condições de competir com as grandes empresas produtoras de alimentos, que contraíram empréstimos, se endividaram e hipotecaram suas terras, perdendo-as para os bancos. Também esse processo promoveu o caos social, causando alto índice de desemprego, pois muitas pessoas foram substituídas por máquinas, e, uma vez que os camponeses não possuíam qualificação profissional suficiente para manusear os maquinários, foram rejeitados para essas atividades, fato esse que foi se acirrando gradativamente devido ao avanço dos modelos globais instaladas no país nesse período.

Essa empreitada de modernização do campo alcançou também a comunidade Pedra Lisa, visto que esta sofreu com os impactos do agronegócio, instalado naquele local. Muitas práticas foram corrompidas, e alguns moradores deixaram aquele ambiente em busca de “infraestrutura” na área urbana, além da degradação ambiental que evoluiu com a chegada das usinas àquela região. Jesus, Calaça e Silva (2013, p. 216) afirmam que “a expansão e apropriação das terras pelo agronegócio vem promovendo alterações nos diferentes espaços e no modo de vida dos camponeses”.

Esse processo é notório a partir das entrevistas realizadas com moradores da comunidade, que deixaram claro que tudo se modificou após a instalação das usinas de álcool. Em alguns aspectos eles consideram benéficos, como a oportunidade de empregos para a população das regiões mais próximas. Já outros nem tanto, como por exemplo as plantações ou algumas plantas frutíferas de alguns grupos que não são mais possíveis por não resistirem aos agrotóxicos pulverizados pela usina nas plantações de cana de açúcar, apresentando sinais de doenças (Figura 01) uma vez que as lavouras da cana chegam bem próximas às propriedades dos moradores.



Figura 01- Frutas apresentando sinais de doenças, provenientes do uso do agrotóxico pulverizado na cana-de-açúcar e levado a quilômetros pela ação do vento.

Fonte: SOUZA, 2015.

Esse fenômeno ocorre porque muitos proprietários arrendaram suas terras para a usina por acreditarem na obtenção de melhor renda, e isso permitiu que a agroindústria avançasse com suas lavouras naquela comunidade, contaminando também as plantações dos camponeses que ainda resistem pela permanência com suas atividades leiteira e de produção de consumo.

Pra alguma coisa foi bom, as usinas, mais hoje futuramente tá ruim né? Pra dá, vamos supô, mamão hoje já não dá, a cajá-manga não vinga mais, as pimenta, vamos supô, [...] tá carregadinha, mais pra dá se você não tiver com remédio direto, ou igual agora fui lá comprei um pedaço de fumo e piquei na água pra matar o pulgão, os pé de pipino tá tudo carregadim, tá bunito mais tava tudo morrendo, enferrujando, nada de trem de horta dá (Informação Verbal, 2017).

As famílias tiveram que se adequar às práticas impostas pela “modernidade”, como por exemplo o uso de aparelhos elétricos e eletrônicos (celular, máquina de lavar roupas, antena parabólica, televisão), assim como a substituição do trabalho que antes era braçal, já que grande parte dos assalariados rurais foram para na área urbana em busca de outras condições de vida já que no campo os postos de trabalhos tradicionais estavam desaparecendo.

Essas mudanças enfraqueceram, de certa forma, a cultura e a práticas rurais, no entanto, não foi suficiente para extinguir esse grupo social, pois a partir dos áudios nas entrevistas ficou evidente a resistência do campesinato naquela comunidade e, juntamente com ela, a presença de resíduos sociais dos saberes e dos costumes camponeses daquela população. Corroborar Souza (2015):

Atualmente, por mais que a modernização da produção no campo tenha desterritorializado famílias de camponeses, muitas, sobretudo em Pedra Lisa, permanecem nos seus sítios com a produção de leite, alimentos para consumo direto, [com objetivo de] defender o patrimônio cultural e perpetuar a própria existência, (SOUZA, 2015, p. 17).

Os resíduos sociais mais sinalizados são o modo de vida simples e tradicional que há nos preceitos de algumas famílias, como o jeito de viver, as práticas, o cotidiano e a religiosidade que ainda cultuam. Exemplos específicos dessas práticas são evidenciados pelo hábito de tirar leite de manhã cedo; a receptividade das famílias e o acolhimento; a fartura notável nas festas produzidas; o despertar cedo através do cantar do galo; a “treição” (termo designado como uma prática antiga camponesa que consiste em os moradores ajudarem de alguma forma outro morador em alguma dificuldade sofrida, sem que a família a ser ajudada saiba dessa organização); uso de produtos naturais como medicamento e controle de praga em hortaliças (a exemplo o uso do fumo). Tudo isso é resultado de uma resistência de certos hábitos provenientes do modo de vida camponês.

Por resíduos sociais entende-se os saberes que foram guardados para que os sujeitos recorram num determinado tempo adequado, para serem usados naquilo que as necessidades apontam como funcional da lógica camponesa e, quando usados se revelam em práticas sociais que podem ser vistas, ainda, como vitalidades dos sujeitos

da comunidade estudada (SOUZA, 2015). Para Santos (2008, p.111) “certamente, o que está mantido na comunidade permanece como resíduo daquilo que ainda não foi capturado pelo modo de produção com o qual eles estão relacionados e ao qual são submetidos”.

No que se refere ao símbolo cultural, as comunidades tradicionais se destacam, pois tem uma essência única, perpassada de geração a geração. Práticas culturais essas, que são responsáveis por diferenciarem uma comunidade de outra. Já a vivência, gostos, costumes, festas, sofrem modificações quando descritas pelo viés de diferentes grupos.

É importante salientar também sobre o conceito de comunidade tradicional, o que a difere de outras comunidades e as principais características para a sua identificação. O conceito de comunidade revela pequenos grupos sociais que possuem laços estreitos de amizade, compromissos e cumplicidades, com valores humanos comuns, instituídos a partir de relações históricas e práticas sociais contidas na memória do passado.

Conforme Elvas e Moniz (2010) há um forte sentimento de pertença e de identidade em relação ao lugar e às famílias da comunidade: “o sentimento de comunidade, é um conceito sócio-psicológico que dá ênfase à experiência da comunidade”, o que significa, conforme as autoras, a compreensão de “atitudes e sentimentos de uma comunidade, bem como o relacionamento e interações entre pessoas desse mesmo contexto” (ELVAS e MONIZ, 2010, p.452). Para uma definição de comunidades tradicionais, na concepção de Cimos (2017, p.12):

Os povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados, que possuem condições sociais, culturais e econômicas próprias, mantendo relações específicas com o território e com o meio ambiente no qual estão inseridos. Respeitam também o princípio da sustentabilidade, buscando a sobrevivência das gerações presentes sob os aspectos físicos, culturais e econômicos, bem como assegurando as mesmas possibilidades para as próximas gerações.

Em todas as entrevistas realizadas, a maioria dos moradores deixaram claro que as usinas trouxeram melhorias em relação a emprego, construção de estradas, melhor infraestrutura do local, porém o desmatamento e falta de água está cada vez mais visível, além da comunidade ter um número menor de pessoas morando do que no início, pois muitos foram embora por não poderem competir com as novas atividades desiguais impostas no campo.

Mesmo os residentes deste local têm esperança de conseguirem um emprego e ir embora para outra localidade, já que alguns que insistem em ficar possuem motivos relevantes para não se deslocarem para o espaço urbano, entre eles: a própria área territorial extensa, um número significativo de gados, neste caso, o leite torna-se a principal atividade econômica, e os demais que não possuem essas regalias, fazem a migração do campo para a cidade, fenômeno esse que explicita a desterritorialização camponesa do campo.

A comunidade de Pedra Lisa é um exemplo da apropriação do capital no campo,

pois não houve outra alternativa ao camponês que não a adaptação ao novo modo de vida. Em contrapartida, o que pode explicar a persistência de algumas práticas antigas é a não condição de se adequar ao capital, em razão da pouca condição financeira que os moradores da comunidade possuem.

O camponês de Pedra Lisa, que mantém os modos de vida de outros tempos, evidencia, em sua organização social e familiar, a incorporação de práticas da modernidade. A seleção dessas práticas e de equipamentos modernos é estabelecida a partir de parâmetros relacionados ao poder moderno é estabelecida a partir dos parâmetros relacionados ao poder de capital, ou seja, ter ou não disponibilidade financeira para comprar, por exemplo, veículos automotores e ordenha mecânica, e também pela necessidade de preservar o que, para eles, é precioso, como práticas herdadas dos antepassados, como a religião e a festa, (SOUZA, 2015, p.18).

De todas essas problemáticas impostas pela apropriação do Cerrado pelo capital, uma parte da comunidade insiste em permanecer e, dentre essas resistências, está a Venda do Zé Major, um ponto comercial muito importante para a comunidade Pedra Lisa e para Quirinópolis, pois é um local de encontro para toda comunidade e pessoas de outros lugares, que visitam a venda, seja em festividades tradicionais da comunidade, seja em outras ocasiões festivas.

Conforme a entrevista realizada com o proprietário Sr. José Geraldo Almeida, popularmente conhecido por Zé Major (foi a partir do nome do proprietário que surgiu o nome da venda), foi possível estabelecer uma espécie de linha do tempo sobre como surgiu a Venda do Zé Major em Pedra Lisa e suas influências para os indivíduos locais das regiões próximas.

O estabelecimento citado surgiu com o irmão do senhor Zé em 1977, que tinha a venda como um dos meios de sustento, porém em outro lugar, em sua residência. Com o decorrer do tempo, Zé Major, visando aumentar a renda familiar, e no intuito também de construir um ambiente de lazer para a comunidade, comprou a venda de seu irmão em 1983, a partir daí a propriedade adquiriu outro formato.

A atividade econômica da família antes se constituía somente de atividades do campo, serviço braçal, e foi ampliada com os lucros da venda, que nesse período constituiu-se uma espécie de novidade entre os moradores, uma vez que a mercadoria e preceitos foram modificados juntamente com os proprietários. Hoje, os produtos vendidos nesse estabelecimento são bebidas alcoólicas, dentre elas, a cachaça produzida artesanalmente na própria comunidade, pois na comunidade, em outra propriedade, possui um alambique onde se produz uma cachaça muito famosa na região e em todo o município.

Com o passar do tempo e o aumento de pessoas se interessando por conhecer Pedra Lisa, foi construído um campo society de futebol para jogos do time Pedra Lisa e para que as pessoas fossem visitar a comunidade e degustassem a cachaça artesanal na Venda do Zé Major. Gradativamente foi aumentando o número de pessoas que cada vez mais se interessava pelo local, que passaram a frequentar aos finais de

semana para assistir as disputas de campeonatos intermunicipais na propriedade do senhor Zé.

Logo após, com as festividades sempre presente na comunidade, construiu-se um barracão para festas, com parceria da Prefeitura de Quirinópolis com a contribuição financeira e mão de obra dos próprios moradores. Surgiu aí um novo significado para a propriedade do senhor Zé Major e um novo local de encontro para a comunidade que ganhou um espaço mais amplo e que propiciou um ambiente mais adequado para receber muitas pessoas nas festas tradicionais.

Segundo Souza (2015, p. 130) “a Venda do Zé Major é um ponto de encontro para bebidas, sinuca, jogos de futebol, e espaço para festas religiosas e profanas. [...] se tornou lugar de referência da sociabilidade pela devoção e lazer, para famílias de Pedra Lisa”. Um lugar já conhecido pelas pessoas do município de Quirinópolis e região, pois diversas festas tradicionais acontecem ao longo do ano, o que facilita o encontro de várias pessoas.

Atualmente tal propriedade é constituída pelo campo de futebol society, venda, barracão de festas, um banheiro com repartição para os sexos masculino e feminino, além da cozinha ampla com um fogão e alguns fornos a lenha para facilitar a elaboração dos alimentos nos eventos. Tudo isso dentro de apenas 44 litros (2,66 ha) de terras deixadas pela família ao senhor Zé.

As festas realizadas nessa propriedade são: rezas de terço (Santo Antônio, 13 de Junho, 12 de Outubro terço de Nossa Senhora Aparecida e dia 24 de Dezembro, terço de natal); festas de aniversários (o proprietário disponibiliza para quem quiser realizar algum evento, sem custo); festas de casamentos; jogos de futebol (inclusive Pedra Lisa tem um time oficial, que disputa campeonatos, os jogadores são moradores e ex-moradores da comunidade) e a tradicional Folia de Reis, que já acontece há muitos anos na comunidade e muito conhecida em toda região, celebrando ritos da saída e chegada das Folias de Reis “Pedra Lisa” (da comunidade local) e “Os Magos do Oriente” (da cidade de Quirinópolis, sendo a segunda foliões da cidade de Quirinópolis).

A Folia de Reis é uma festa tradicional ou populares no Brasil, e, para definição de festas populares Pergo (2017, p. 01) as apresenta como “[...] tradições que constituem a resistência dos povos em defesa de sua cultura e de seus costumes”. A folia de reis é a festa mais frequentada da comunidade, pois conta com grande número de pessoas vindas de vários lugares da região, cerca de 3000 pessoas em dia chuvoso e aproximadamente 6000 em dias secos. Ela acontece entre os dias 25 de dezembro a 06 de janeiro, no qual dia 25 os foliões, moradores e visitantes fazem o ritual da saída, com o rito principal que é a reza do terço, depois saem para as visitas, chamadas de “giro”, nas casas da comunidade rural e da cidade.

Nas cerimônias de saída da “Folia” há a reza do terço diante do altar, o almoço dos foliões, as falas e as cantorias de saída da companhia. Na maioria das vezes, a reza do terço é pedido do dono da casa, sendo que, os foliões consideram-na como uma das obrigações da “Folia” e nunca se negam a fazê-la, (PERGO, 2017, p. 4).

A festa de chegada acontece na passagem do dia 05 para o dia 06 de janeiro na Venda do Zé Major, onde todos os moradores se juntam para realização desse grande evento. Dentre as principais atividades está o rito religioso da chegada dos foliões com cantorias, pagamento de promessas (se houver), passagem pelos três arcos, encerrando com o terço, em partes cantado. Após servem o jantar e posteriormente o baile.

Além do apoio da Prefeitura com tendas, mesas e cadeiras, tem também a parceria e patrocínio de moradores da comunidade e comerciantes de Quirinópolis, que através de doações fazem-na acontecer anualmente. As mulheres da comunidade se reúnem na cozinha na venda supracitada, para preparar a comida que acontece dias antes com o abatimento de alguns animais, ou seja, é um evento realizado coletivamente, onde todos participam para realizar essa festividade e divertir os convidados.

A relevância da Venda do Zé Major para a preservação da cultura naquele local é visível nas percepções de todos os moradores da comunidade e também de outras localidades, pois é um espaço amplo e de referência que reúne povos de diferentes comunidades e grupos sociais. Muitos vão à Pedra Lisa no intuito de apenas conhecer a venda, por ser um lugar reconhecido pelos moradores como ponto essencial para tais encontros. Outros, que já conhecem, para se divertirem com os amigos. Essas questões ficaram evidenciadas na maioria das entrevistas realizadas.

A venda é importante porque é um ponto de encontro pra todo mundo. [...] vem, vem, vem muita gente no dia da festa que as vezes a gente nem vê, do tanto que é muita gente, e assim sempre que precisa de um espaço maior geralmente é lá mesmo que se reúne, é importante eu acho importante, meu marido também, ele vai mais do que eu, porque pelo menos uma vez na semana ele vai lá, (Informação Verbal, 2017).

Assim, Pedra Lisa, como apresentou Souza (2015), se caracteriza como espaço vital para as famílias da comunidade, tendo a Venda do Zé Major como o local de encontro das pessoas do local, de outras regiões e da cidade. Ficou indiscutível a importância que esse local tem para a Comunidade Pedra Lisa, com o espaço do boteco, do campo de futebol, da estrutura para festas, bailes, jogos e outras comemorações.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade Pedra Lisa é um local que propaga cultura, por se tratar de um lugar com forte presença de resíduos de tradição camponesa, com técnicas tradicionais e, mesmo inserida nas lógicas do agronegócio, algumas dessas práticas permanecem. Analisar os impactos que aquela comunidade sofreu com a chegada da “modernidade” seria associá-la às lógicas do capital, pois a partir do instante que o capitalismo adentrou no campo, houve inúmeras modificações, mesmo que a cultura não tenha se perdido totalmente. Algumas transformações aconteceram, transformações essas visíveis nas entrevistas e até mesmo no local da pesquisa, potencializaram a resignificação dos seus saberes, de seus usos e costumes, para a garantia da permanência.

O local é considerado símbolo de Quirinópolis, pois os moradores entendem a importância dessa comunidade para a identidade cultural do município, até mesmo pela grandiosa festa que acontece ali anualmente.

A Venda do Zé Major além de ser um símbolo de cultura, uma vez que nesse ambiente acontece diversas festividades religiosas ou não, é também um local de socialização e ponto de encontro que une as pessoas, além de ser um meio de empreendimento que ajuda na economia da família que, apesar de o senhor Zé Major ser aposentado, juntamente com sua esposa, é uma renda complementar para ajudar na manutenção do local.

Foi possível verificar com essa pesquisa que antes de as usinas serem introduzidas próximo à essa comunidade, a venda já existia, ou seja, independentemente de ter usina ou não, a venda já estava arraigada naquele território, fato esse que ela resiste até hoje, mesmo com movimento reduzido, e isso deve-se justamente à chegada das usinas de álcool ao município. Foi evidenciado a partir da pesquisa com os moradores e com o proprietário da venda, que esse lugar deverá permanecer por muito tempo ainda. O senhor Zé Major assegurou que, além de pretender continuar por muito tempo com o negócio, intenciona melhorar o local, colocando mais bebidas, petiscos talvez, para que o estabelecimento ganhe nova funcionalidade e novos clientes, impreterivelmente conservando os antigos.

Ficou evidente também na pesquisa a importância que esse espaço propicia aos moradores, pois é um local de encontro com múltiplas funções, pois o proprietário disponibiliza o acesso a tal ambiente para realização de festas sem nenhum custo para quem é da comunidade e para amigos, o que faz com que as hipóteses iniciais da investigação se concretizem. Nesse sentido o senhor Zé Major disponibiliza para a realização de campeonatos, cede o espaço para eventos, ajuda nas festas, principalmente a da Folia de Reis, pois sente satisfação em servir e atender a todos.

Essa atitude responde satisfatoriamente às hipóteses da pesquisa, pois a cedência do espaço para a comunidade não visa fins lucrativos, faz isso somente pela satisfação em ver a cultura camponesa tradicional não perecer, sua renda advém apenas da venda de bebidas. Sua satisfação é ver a população de outras regiões conheçam Pedra Lisa. Também falou com orgulho sobre a continuidade da venda ser responsabilizada pelos filhos. Seu desejo daquela tradição ter continuidade, está nas mãos do filho do Zé Major que atualmente mora com eles na propriedade.

Além da tradicional festa da Folia de Reis ser importantíssima para difundir a cultura que não é só local, e sim nacional, a Venda do Zé Major tem significados e funções infinitas, que fazem com que Pedra Lisa seja mais conhecida e valorizada culturalmente.

REFERÊNCIAS

- BALSAN, Rosane. Impactos decorrentes da modernização da Agricultura brasileira. **Campo-Território**: Revista de Geografia Agrária, v. 1, n. 2, p. 123-151, ago. 2006. Disponível em <file:///D:/Users/Cliente/Downloads/11787-55073-1-PB.pdf>. Acesso em 26 Jun. 2017.
- CARRIJO, Ed Licys de Oliveira. **A expansão da fronteira agrícola no Estado de Goiás: setor sucroalcooleiro**. 101 f. (Dissertação de Mestrado). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008. Disponível em <http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/Cartilha-Povos-tradicionais.pdf > Acesso em 06 Jun. 2018.
- Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais (CIMOS) - Ministério Público de Minas Gerais (MPMG). **Direitos dos povos e comunidades tradicionais**. Disponível em <http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/Cartilha-Povos-tradicionais.pdf > Acesso em 11 Mar. 2018
- DUARTE, Matusalém de Brito. O “lugar-território” na complexidade da realidade contemporânea: incursões teóricas a partir da intersubjetividade. In: **Caminhos de Geografia - revista on line**, v. 9, n. 26, Jun/2008, Uberlândia. Disponível em:<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>, 2008. Acesso em 23/10/2010, p. 185 - 192
- ELVAS, Susana e MONIZ, Maria João Vargas. Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida. In: **Revista Análise Psicológica**, 3 (XXVIII): 451-464, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v28n3/v28n3a06.pdf>, 2010. Acesso em 28/06/2012.
- JESUS, J. N.; CALAÇA, M.; SILVA, L. G. O território camponês em construção: utopias e contradições, **Revista territorial**, Goiás, v. 2, n. 2, p. 211-229, jul./dez. 2013.
- MARTINS, Geraldo Inácio e CLEPS JUNIOR, João. As tramas da des(re)territorialização camponesa: a reinvenção do território veredeiro no entorno do parque nacional grande sertão-veredas, norte de minas gerais. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**, v. 7, n. 13, p. 134-168, fev., 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/13731/8218>. Acesso em 03/10/2012.
- MENDONÇA, Marcelo Rodrigues e THOMAZ JÚNIOR, Antônio. Trabalho e dinâmicas territoriais no campo: os povos cerradeiros na luta por um território livre. **Revista Pegada** – vol. 12 n.2. Dezembro/2011, pp. 23-47. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1054/1056>, 2011. Acesso em 03/10/2012.
- PERGO, Vera Lúcia. **Os rituais na folia de reis**: uma das festas populares Brasileiras. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Pergo,%20Vera%20Lucia.pdf> Acesso em 25 Jul. 2017.
- SANTOS, Rosselvelt José. **Gaúchos e mineiros do Cerrado**: metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais. Uberlândia: EDUFU, 2008.
- SAQUET, Marcos A. **Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades**: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. São Paulo: Outras Expressões, 2011.
- SOUZA, Edevaldo Aparecido. **Patrimônio Imaterial**: relações socioculturais camponesas em Pedra Lisa. Uberlândia-MG: Ed. do autor, 2015.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-439-9



9 788572 474399